VOGUE Nº 408
Agosto 2012
www.vogue.com.br
EDIÇÕES | GLOBO CONDÉ NAST

VOGUE BRASIL

Nº 408
AGOSTO
R$ 15,00

"Morri e VOLTEI"
A sensação de quem quase chegou lá

VERDE SIM, hippie não: SALVE O PLANETA sem sair da moda

A NOVA MULHER ALFA

SILHUETA AMPULHETA é arma para seduzir com classe

Franja, batom pink e make bronze são chave para arrasar no verão

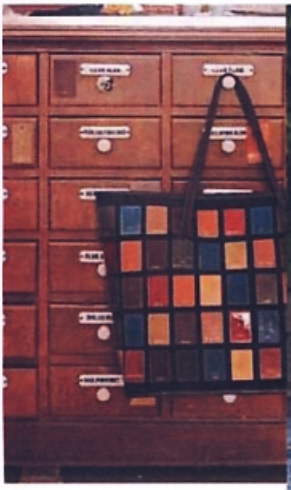
Eco

Perto de Roma, Ilaria vive seu mundo eco-friendly na fazenda construída entre ruínas etruscas e árvores seculares

Lei

Herdeira da marca que é sinônimo de casacos de pele e peças de couro, a italiana Ilaria Fendi trocou a indústria da moda por uma vida ecologicamente correta no campo. Empresária e estilista *green*, ela voltou às raízes para pensar em uma nova maneira de fazer tendência

POR BRUNO ASTUTO
FOTOS FERNANDO LOMBARDI



No ateliê montado em um dos galpões da propriedade, Ilaria cria as coleções da Carmina Campus. Das peças à decoração da propriedade, tudo segue o DNA Fendi de perfeição

Quando cheguei à fazenda I Casali del Pino, em junho passado, ainda podia se sentir o perfume da Floracult, a maior feira de flores da Itália, encerrada no fim de semana anterior nos domínios de Ilaria Venturini Fendi. Ela me recebe vestida a caráter, de blusa xadrez, jeans e botas. Chama para perto seu burrinho de estimação, de nome Bruno – que, muito astuto, atende imediatamente ao chamado da dona –, e me convida para conhecer a propriedade, erguida entre ruínas etruscas e grutas, rios e árvores seculares.

Por trás da cena bucólica em Cassia, um enclave rural a menos de 40 quilômetros de Roma, existe um agitado projeto de criações economicamente sustentáveis idealizado por Ilaria. In loco, uma das netas dos fundadores da Fendi, que em 2004 trocou o pretinho básico pela causa verde, comanda uma superestrutura com usina de energia solar, horta onde são colhidas verduras livres de agrotóxico, um restaurante (concorridíssimo aos domingos) de mesas comunitárias com menu 100% orgânico, e a Carmina Campus, sua marca de móveis, bolsas e bijoux criada em 2006 a partir de materiais recicláveis e descartados por grandes fábricas.

Esqueça todos os preconceitos contra a moda *green*, normalmente associada a peças de pouco apelo fashion e sem muito luxo, afinal estamos falando de uma legítima Fendi. Ilaria consegue fazer desejáveis clutches com interruptores de luz, braceletes de pneus, carteiras com restos de venezianas, cestas trançadas com encostos de bancos de carros ou até de sacos de lixo. A filosofia da Carmina Campus, em latim "canto da terra", é empregar somente materiais reutilizados ou recuperados para a confecção de peças de edição limitada. Quando eles ressurgem, como uma fênix, os resultados não são nada comuns.

Os acessórios são feitos de sobras da indústria e de materiais reciclados. Muitos nascem da parceria com comunidades africanas

"Reciclagem não precisa necessariamente ser uma coisa barata, amadora ou hippie", acredita Ilaria, que desde pequena costumava pegar as sobras de tecidos da Fendi para fazer roupas de boneca. Diz ela que crescer num ambiente de materiais tão ricos a fez tomar um cuidado maior com o descarte. "Meu sonho é que um dia não exista mais a moda ética, porque no futuro toda moda será ética e não precisaremos mais chamá-la assim."

Há um viés político em suas criações. "Penso que o novo luxo seja refletir sobre o mundo que realmente queremos, desfrutar o tempo, comer alimentos saudáveis, viver num ambiente não contaminado e usar objetos ricos na construção e no significado", diz. "O luxo que está aí não tem nada a ver com o que aprendi com a minha família, que me ensinou a valorizar o trabalho artesanal, exclusivo e consciente. Não me identifico com essa quantidade de roupas descartáveis usadas por todo mundo e feitas a partir de processos que agridem o ambiente e a ética das relações humanas."

O ateliê fica num enorme galpão onde estão guardadas não apenas sua inventiva linha de produção, mas também as bolsas produzidas pelas artesãs das favelas de Korogocha e Kibera, no Quênia. A parceria nasceu depois de Ilaria associar-se ao programa Ethical Fashion do International Trade Centre, órgão ligado à ONU que tem a missão de apoiar iniciativas sustentáveis na África. "Não se trata de caridade, é trabalho", disse. "Viajo para lá, dou treinamento e assim posso fabricar em maior quantidade, assegurando a longevidade do projeto."

(*Continua na página 326*)

FOTOS: DIVULGAÇÃO

As peças já foram vistas nas mãos de atrizes como Tilda Swinton e Asia Argento e desaparecem das prateleiras de multimarcas *trendy* como a 10 Corso Como de Milão, Dover Street Market de Londres, L'Eclaireur de Paris e a Re(f)use, sua própria loja em Roma. Em junho, Ilaria veio ao Brasil para divulgar a Carmina Campus na conferência Rio+20. "O País é um terreno extremamente fértil de oportunidades para a moda ética e sustentável", acredita ela, que já esteve por aqui, em Búzios, com as duas filhas. É com elas que vive numa imensa propriedade no centro histórico de Roma, ao lado da mãe, Anna, e da irmã, Silvia, sua sócia no ecobusiness. A propósito, Silvia é a única das cinco irmãs que ainda trabalha na Fendi. É de sua autoria, por exemplo, a famosa baguette, que ganhou revival nesta temporada em que se comemoram os 15 anos de sua criação.

Passei a entender as razões que fizeram Ilaria deixar o negócio familiar para abraçar a vida no campo. Desde os 23 anos seguindo os passos da mãe e das quatro tias, Paola, Franca, Alda e Carla (ela chegou a fazer estágio com Karl Lagerfeld na Chanel, colaborador da Fendi desde 1965), até oito anos atrás era a designer de sapatos da Fendi e diretora criativa de acessórios da Fendissime, a extinta segunda linha da grife. "Adorava o meu trabalho, mas estava exausta com a velocidade do novo universo da moda. Terminava uma coleção já pensando em outra. Meus dois filhos eram pequenos e eu precisava voltar às coisas essenciais da vida", justifica ela, que herdou do pai a paixão pela terra. O empresário Giulio Venturini morreu quando Ilaria tinha 10 anos e foram suas lembranças que motivaram a mudança radical, fazendo do verde mais do que uma cor de estação. "Muitas pessoas se assustaram quando coloquei toda minha energia nesse lugar." A terra estava abandonada quando a campesina convertida chegou à fazenda. Logo, ela se pôs a estudar pecuária, sementes, os diferentes sistemas de rotação de culturas; convocou especialistas em desenvolvimento sustentável e fez do I Casali del Pino referência em toda a Itália, que agora também vem se convertendo em destino de ecoturismo.

A tarde cai rapidamente, a conversa que havia começado no almoço vai se pondo com o sol da primavera romana. Antes de nos despedirmos, um funcionário pergunta para Ilaria em que horário ele deveria recolher as ovelhas. "Durante muito tempo me questionei se a moda estava me levando para longe da minha natureza de fazendeira. Me achava mais Fendi que Venturini. Hoje vejo que consegui aliar os dois sobrenomes".